

NARRATIVAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS COM RÁDIO ESCOLAR

Silvia Silva dos Santos

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – Brasil

profa.silviasantos@hotmail.com

Introdução

Este trabalho tem por objetivo relatar as experiências com narrativas digitais na fase pré-escolar da Educação Infantil, com 35 crianças de quatro e cinco anos de idade na Escola Municipal de Educação Infantil “Angenor de Oliveira - Cartola”, no município de São Paulo, visando o desenvolvimento de habilidades na comunicação oral.

A partir de estudos bibliográficos foi possível realizar as atividades, unindo teoria e prática, num movimento de ação, reflexão e ação.

Como cita Bessa (2006) “Para alguns, as pessoas vivem socialmente porque se comunicam. Sem comunicação não existe sociedade. Para outros as pessoas se comunicam porque vivem socialmente”. O papel da comunicação na nossa vida é imprescindível, tanto para transformar as relações sociais, quanto para o compartilhamento de saberes.

As tecnologias da informação e comunicação têm sido aliadas neste processo de disseminação do conhecimento, de vida na sociedade, já que vida social e comunicação são indissociáveis.

Sabemos que as diferentes tecnologias estão presentes no cotidiano das crianças pequenas e ao pensar em sua utilização na comunicação oral nos remete a grandes desafios. Um deles é despertar a criatividade para planejar diferentes estratégias de ensino, incentivando a construção coletiva do conhecimento.

Sendo assim, surge a preocupação não apenas com a escolha de ferramentas, mas como adequá-las à Educação Infantil, para que os pequenos exerçam autonomia sobre elas, para que a aprendizagem seja significativa.

Por conta disso, torna-se fundamental conhecer o perfil da criança pequena, como as interações orais interferem em seu aprendizado, desde a narração de fatos do cotidiano à comunicação por meio de programas de rádio escolar.

O desenvolvimento deste relato abrange a compreensão do desenvolvimento da linguagem oral da criança, a educomunicação e como foram cada uma das três etapas de descoberta com as narrativas digitais, em dez meses de trabalho, de fevereiro a dezembro de 2014, utilizando a rádio escolar como principal forma de interação.

Por fim, serão apresentadas as considerações desta prática, em andamento, e a expectativa de novas experiências de aprendizagem, tornando este relato de fundamental importância.

Desenvolvimento

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, sua proposta visa o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos, em diversos aspectos, principalmente o desenvolvimento da linguagem verbal.

Historicamente, conforme as Orientações Curriculares¹: Expectativas de Aprendizagem e Orientações Didáticas para a Educação Infantil (2007), da Secretaria Municipal da Educação da Cidade de São Paulo, “a Educação Infantil tem assumido seu papel educativo no domínio da oralidade”, assim, reconhecendo sua função na construção de sujeitos falantes.

Segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999), o processo de desenvolvimento da criança tem início na exploração de objetos. A linguagem é utilizada como instrumento de pensamento, a partir de operações não visíveis que a criança faz por meio da capacidade de se comunicar. Pensando nisso e aliando aos conceitos dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, MEC/SEC, 1998), é por meio de brincadeiras imaginativas que a criança aciona seus pensamentos para a resolução de problemas, utilizando uma compreensão particular sobre as pessoas, sentimentos e diversos conhecimentos.

¹ As Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem e orientações didáticas para a Educação Infantil é um documento que articula o trabalho pedagógico das unidades educacionais e busca subsidiar a prática e a reflexão dos educadores da cidade de São Paulo. Neste relato será utilizada apenas a expressão “Orientações Curriculares – Educação Infantil (São Paulo, SME, 2007)” para citar o documento.

Sendo assim, a criança pequena, como cita Santos (2012) “aprende a partir de diferentes estímulos, situações, experimentando, vivenciando e expressando sentimentos e sensações”. Este pressuposto vai de encontro ao estabelecido por as Orientações Curriculares – Educação Infantil (São Paulo, SME, 2007):

Parte-se do reconhecimento de que a curiosidade infantil pode ser dirigida a compreender seu entorno. Nele, a cultura e natureza provocam instigantes questões às crianças, e as diferentes linguagens artísticas que existem podem ser trabalhadas como rupturas em relação às formas estereotipadas de olhar a realidade que foram historicamente produzidas. Com isso novas sensibilidades podem ser delineadas, novos modos da criança se relacionar com os outros e consigo mesma podem ser por ela reinventadas, criando novos desafios para a prática educativa. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES – EDUCAÇÃO INFANTIL, SÃO PAULO, SME, 2007, p.38)

Dentro destes princípios o ambiente deve estar aberto a exploração do lúdico, proporcionando interações que colocam a prova os saberes da criança, criando condições para que se constituam como sujeitos, pois, segundo os RCNEI (Brasil, MEC/SEC, 1998) “A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais”.

A linguagem é um dos eixos principais na Educação Infantil, principalmente para a formação da criança, suas interações e no desenvolvimento do pensamento e, sobretudo, na construção do conhecimento e ainda:

Aprender uma língua não é somente aprender as palavras, mas também os seus significados culturais, e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio sociocultural entendem, interpretam e representam a realidade. A educação infantil, ao promover experiências significativas de aprendizagem da língua, por meio do trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças (RCNEI, BRASIL, MEC/SEC, 1998, v. 3 p.117)

Partindo de todos estes aspectos, despertou-se o interesse em trabalhar com as diversas formas de a criança se comunicar, em especial, com narrativas digitais.

A escolha do trabalho com recursos tecnológicos (gravadores de voz, aparelhos celulares, projetor multimídia, notebook, aparelhos de som), vem de encontro ao apresentado por as Orientações Curriculares – Educação Infantil (São Paulo, SME, 2007), ao denotar:

Tais recursos se utilizam de diferentes linguagens, as linguagens midiáticas, cujo uso pedagógico dá a criança que se apropria delas à possibilidade de inclusão no mundo digital e de exploração de outras formas de interagir, brincar, pesquisar, descobrir, ler, escrever, comunicar-se de modo criativo, participativo e divertido. (ORIENTAÇÕES CURRICULARES – EDUCAÇÃO INFANTIL, SÃO PAULO, SME, 2007, p.38)

Assim, a primeira etapa do trabalho com narrativas digitais parte das primeiras explorações com registros sonoros.

No ano de 2011, foi realizado um projeto de pesquisa com setenta crianças, de cinco a seis anos para a construção de um “Bichodário Virtual”, um recurso audiovisual contendo uma coletânea de dados sobre diversos animais. Os dados foram narrados por as crianças e a integração de diferentes campos de experiência (pesquisa, síntese, narrativa e relatos) tornou a aprendizagem significativa.

Durante as pesquisas e apresentação de material, foi observado que havia a necessidade de uma melhor participação das crianças. Com isso, ficou evidente a importância de um trabalho voltado ao uso dos recursos tecnológicos, de uma maneira simples, partindo do conhecimento que a criança tem sobre tecnologia. Dessa forma, os programas gravados com o microfone do notebook poderiam ser substituídos por algum instrumento que efetivasse essa ação de forma lúdica. Assim, a gravação das narrativas passou, nos anos seguintes, a ser realizada com aparelhos celulares, que pouco a pouco foram criando forma, pois poderiam ser manipulados por as crianças, além da mobilidade que este recurso proporciona, aproximando as crianças.

O “Bichodário Virtual” foi o propulsor para a idealização de um trabalho voltado a educomunicação com a Educação Infantil. Por educomunicação podemos entender como “(...) o conjunto dos procedimentos voltados ao planejamento e implementação de processos e recursos de comunicação e da informação, nos espaços destinados à educação e a cultura.” (LOURENÇO, *et. al.*, 2014).

Em 2013, visando uma maior interação das crianças as trilhas sonoras e artistas estudados no “Projeto Música”, criou-se uma rádio escolar. Denominado como Rádio Cartola, o projeto experimental iniciou com 35 crianças de cinco a seis anos de idade e, em seu término, com adesão de mais uma turma, o número de alunos dobrou.

O foco era o entretenimento, como nas emissoras musicais, por meio da apresentação das trilhas sonoras. Para auxiliar as crianças em suas narrativas, foram

trabalhados jogos teatrais, girando em torno da expressividade corporal em prol as narrativas.

Para 2014 havia dois grandes desafios: ampliar as possibilidades da rádio escolar e incluir crianças de quatro a cinco anos, fase em que as crianças estão potencializando o desenvolvimento das competências essenciais da linguagem oral, objeto deste relato.

Observaram-se, ao longo do projeto com rádio escolar e narrativas digitais, com as crianças de quatro a cinco anos, três fases distintas, que passam por:

- I. Narrativas de apresentação (trilhas sonoras);
- II. Narrativas de projetos (diversidade de gêneros);
- III. Narrativas com características radiofônicas (radiojornalismo).

A primeira fase passou por a apropriação do projeto de rádio escolar. Sabemos que “o desenvolvimento das narrativas não é natural, mas sim fruto da experiência socialmente construída, a partir do contato com a escrita e a produção de narrativas”. ORIENTAÇÕES CURRICULARES – EDUCAÇÃO INFANTIL (SÃO PAULO, SME, 2007).

Pensando nisso, a primeira ação foi trazer para a sala de aula as narrativas do ano anterior e, discutir, em conversa informal, as impressões. Para aproximar ainda mais as crianças do tema, foi mostrado como atuam as diversas emissoras e seus principais focos (música, notícias).

Entretanto, ouvir as narrativas e as emissoras não foi o bastante, havia a necessidade de mostrar as crianças como é o trabalho dos locutores e de quem trabalha numa emissora de rádio. Aproveitando técnicas teatrais, as crianças foram convidadas a brincar de “fazer rádio”, fazendo relatos, entrevistando colegas, apresentando canções.

O tema, dentro das brincadeiras de faz-de-conta, trouxe a tona diversas possibilidades de trabalho e crianças que se destacavam em suas narrativas. Dessa forma, duas crianças da turma acompanharam o elenco do primeiro programa oficial da Rádio Cartola, no mês de fevereiro.

O primeiro programa trazia músicas de carnaval. A equipe de produção era composta por seis professoras e quatro crianças de cinco a seis anos, que também estavam se apropriando ao projeto.

Após a captura dos áudios, foi realizada a edição em software livre, incluindo “música de fundo”, *background*, vinhetas e inclusão das músicas. Assim, foi criado um

podcast², a ser exibido para todas as turmas durante as festividades de carnaval e no horário das refeições no pátio da escola, no aparelho de som. A trilha de carnaval e infantil, com cerca de 30 minutos de duração, foi um sucesso com as crianças, que estavam empolgados com as próximas gravações.

No mês seguinte, a proposta contemplava a apresentação de músicas que compunham a trilha sonora sugerida por um grupo de professoras e gestores da unidade escolar. Nesse momento deu-se início a participação das crianças de quatro.

A ansiedade era como os pequenos iam reagir às gravações. No começo, durante a elaboração do roteiro, se mostravam tímidos, algo que logo foi superado após alguns minutos de uso do aparelho celular, já na fase das gravações.

Levado a sala de aula, a gravação gerou empolgação das crianças de quatro anos, ao reconhecer a voz dos colegas e a vinheta da rádio, “Rádio Cartola, show de bola”.

O terceiro programa, no mesmo formato, com narrativas de crianças de outro período gerou polêmica com a turma. Primeiro, questionavam por não reconhecer a voz dos colegas, após, que o programa, longo, não podia ser ouvido na íntegra e, dessa forma, os amigos faziam “bagunça” durante as refeições.

Durante cerca de 30 dias que o terceiro programa esteve “no ar”, as crianças interagiam pouco com as músicas, pois, como haviam sido escolhas pessoais de educadores, algumas não faziam parte do repertório infantil. Ouvia-se apenas a vinheta da rádio, sendo repetida por várias crianças da turma.

Desse modo, uma reformulação no formato da rádio se fazia necessária. Outra questão era como envolver as crianças na criação dos roteiros, que muitas vezes atuavam passivamente. Partindo do princípio que:

(...) será preciso considerar que a autoria do aluno dependerá de uma postura de participação colaborativa, pró-ativa e de autoria, desde a identificação do problema que se quer resolver até a condução da pesquisa, o planejamento das ações, a intervenção, o registro, as reflexões e conclusões. (PLANO DE NAVEGAÇÃO DO AUTOR, SME/DOT, 2014, p.17)

Assim, as falas das crianças durante as ações e conversas informais foram consideradas.

² Podcast: arquivo de áudio ou vídeo disponibilizado em *sites* na internet para audição ou download. (SEPAC, 2012)

O primeiro passo foi modificar o tempo de duração dos programas, o segundo trazer conteúdos significativos. Em meio ao projeto sobre cultura popular, diversos gêneros começaram a fazer parte do cotidiano das crianças. Deu-se, então, uma nova ideia de narrativa, com a participação e apoio das crianças. A sugestão da turma era incluir piadas, visto que um colega gostava de contar constantemente.

Começava, neste momento, a segunda fase das narrativas das crianças, explorando piadas, parlendas e músicas do cancioneiro popular. As piadas foram gravadas e uma delas foi selecionada. Crianças maiores recitaram parlendas e, assim, um novo formato foi surgindo, com narrativas mais espontâneas.

O novo formato foi bem aceito. Nos momentos de interação e de brincadeiras de faz-de-conta, os pequenos traziam microfones de brinquedo ou representava-os com jogos de montar, assim como celulares e criavam os seus “programas”. Dessa maneira, outras narrativas foram realizadas livremente, sem roteiro prévio, também utilizando o celular para registrar as falas sobre receitas, contação de histórias, canções, entre outros.

Com o convite para a participação na Imprensa Jovem³, os pequenos tiveram um novo desafio: o radiojornalismo.

Intensificaram-se novamente os trabalhos em procurar a melhor forma de a turma compreender, de forma lúdica, as características da linguagem radiofônica e utilizá-las em um evento, a 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Duas crianças da turma foram selecionadas para participar no evento, integrando a Imprensa Jovem. Uma delas havia desenvolvido bem a oralidade, gostava de fazer entrevistas e comentar a resposta de seus entrevistados. A outra criança fotografava bem e buscava aprender novas maneiras de registrar imagens com a câmera digital. Outras sete crianças, de outras turmas também fizeram parte do grupo.

Assim, teve início a terceira fase. Para auxiliar as colegas a turma se mobilizou e, foram trabalhadas algumas técnicas da linguagem radiofônica, como objetividade, clareza e brevidade. Para facilitar ainda mais a compreensão, o trabalho com jogos teatrais para situar as crianças ao evento foi necessário, com questões sobre onde seria o evento, quem fará parte dele e qual ação será desenvolvida.

³ Imprensa Jovem: Projeto integrante do Programa Nas Ondas do Rádio, da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, em que os alunos realizam “atividades de cobertura de eventos, de produção e de publicação de conteúdo informativo para a comunidade escolar que poderá ser veiculado em rádios escolares, jornal mural, blog, entre outros veículos de comunicação (de acordo com o Art. 4º, Parágrafo 3º, da Lei Educom).” (LOURENÇO, *et. al.*, 2014)

A rádio, neste período, ganhou um novo programa, com formato de radiorevista, com variedades, incluindo abertura (padrão em todas as gravações), chamadas de música, entrevistas com professores, parlendas e tendo um caráter formativo, informativo e de entretenimento.

Entre o convite para a participação na Imprensa Jovem e a gravação do quinto programa, a radio revista, o projeto contou com a aquisição de um gravador de voz. Com a mesma mobilidade do celular, não houve muitas dificuldades para seu uso.

A cobertura do evento, a Bienal do Livro, foi surpreendente. A proposta do convite era somente o registro fotográfico, mas as crianças foram além. Uma das alunas da turma de quatro a cinco anos entrevistou um grupo de adolescentes, também integrantes da Imprensa Jovem e recebeu o convite para participar de uma coletiva de imprensa. As outras crianças do grupo realizaram registros fotográficos, entrevistas e a “pequena fotógrafa” da turma de quatro anos concedeu entrevista a uma emissora de rádio que também cobria o evento.

Para o fechamento do estudo com esta turma está previsto a elaboração de uma coletiva de imprensa, em que os colegas do grupo vão entrevistar as crianças que participaram do evento na Bienal do Livro e avaliar toda a trajetória da Rádio Cartola e suas narrativas no ano de 2014.

Considerações

Com este trabalho, não podemos deixar de citar, a grande importância do trabalho em conjunto com as crianças, tendo a professora como mediadora das práticas e parceira de aprendizagem. O percurso e os percalços foram decisivos para a busca da melhoria, tanto das narrativas espontâneas das crianças, quanto para a criação de programas de rádio com qualidade.

Informar e discutir pontos de vista sobre a narrativas contribuíram para o desenvolvimento da comunicação oral, mesmo das crianças que ainda não participaram de programas da rádio, mas de uma forma ou outra, foram decisivos para que as mudanças pudessem ocorrer. Algumas das crianças pequenas tiveram dificuldades, que estão sendo superadas. A melhora na postura para o trabalho com radiojornalismo foi notada, incluindo uma melhor organização de ideias e escuta atenta.

O trabalho com a comunicação oral contribuiu não apenas para a criação de narrativas tendo as tecnologias como suporte, mas abriu a possibilidade para uma rede de interações, debates e exploração de novos ambientes.

Um dos maiores entraves para o desenrolar do projeto é a escassez de literatura voltada para o trabalho com a linguagem radiofônica e audiovisual para a Educação Infantil. Algumas teorias para o Ensino Fundamental tem que ser adaptadas. As publicações institucionais, voltadas a Educação Infantil, recentes, já incluem a importância da tecnologia, mas pouco se tem sobre a prática.

Portanto, o rico trabalho com as narrativas digitais, num trabalho de ação, reflexão e ação, partindo dos interesses, desejos e opiniões das crianças são de grande valia, algo que certamente terá continuidade nos próximos anos.

Referências

BASSEDAS, E. HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Trad. Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BESSA, D. D. **Teorias da Comunicação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: Conhecimento de mundo. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. PARECER CNE/CEB Nº: 20/2009, de 11/11/2009. Brasília. 2009.

LOURENÇO, S. *et al.* **Programa Nas Ondas do Rádio**: a implementação de Agências de Notícias em escolas da rede municipal de São Paulo, uma experiência educomunicativa. In Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación. 2014. Buenos Aires. Anais do Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación. 2014

SANTOS, S. S. **Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação Infantil: alinhando o discurso à prática docente**. 2012. 67 f. Monografia (Especialização em Informática na Educação) – Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2012.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **As Mídias no universo infantil**: um diálogo possível. São Paulo, 2008.

_____. **Orientações curriculares**: proposições de expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para a educação infantil. São Paulo, SME/DOT, 2007.

_____. **Orientações curriculares:** proposições de expectativas de aprendizagem - Tecnologias de Informação e Comunicação / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2010

_____. **Plano de navegação do autor:** caderno do professor. São Paulo, SME/DOT, 2014

SEPAC. **Rádio:** a arte de falar e ouvir (laboratório). Serviço à Pastoral da Comunicação. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2012